

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--27 de Março--de 1930

sempre  
**5**  
L'OPUS  
Nº 4

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**201**



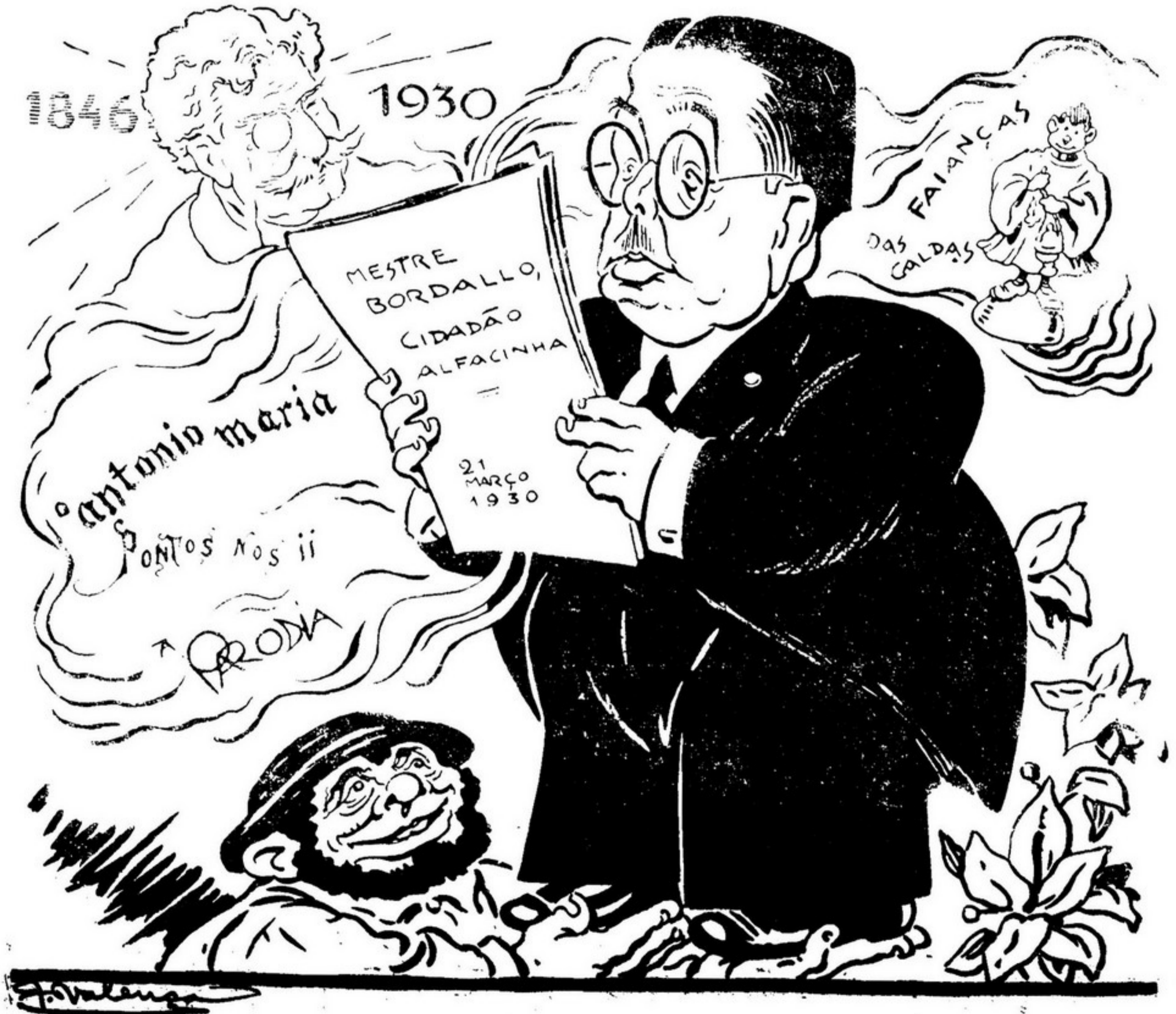
sempre  
**fixe** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. L.  
RUA LUZ S.º 47

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**Os mortos que não esquecem**



Este número, e toda a edição, é dedicado ao Sr. autoritário de seu momento foi celebrado com uma conferência de Severo Portela, com os discursos de João Moradas.

Zé Povinho, imortal criação do Mestre, eleva à merecida altura o ilustre conferencista, a quem o caricaturista habitual desta página agradece, penhorado, a referencia ao seu modesto nome. A Severo Portela, que falava de caricatura, fugiu a boca para o inerte exagero... amavel.



## Os ditos da semana



**Primavera** Vem aí a primavera mas vem atrasada. A primavera, como os comboios, quasi nunca vem à tabela.

Estorça-se o "Borda d'Água" porque ela chegue pontualmente no dia 21 de março, mas a primavera, que é mulher, sempre se demora um pouco mais a fazer a *toilette*.

Ainda agora ela se está enfeitando e pondo pó de arroz para sair, porque a primavera é *coquette* e não gosta de aparecer senão toda florida e de grande gala.

Já lá vai o dia 21 e ela não dá sinais de si.

Quanto a nós, a primavera, está à espera que passe a chuva para sair toda tufal, toda engrinalhada de flores, como se fosse uma noiva em dia de casamento.

**Para cá ou para lá?** Va lá um reclamo de graça. A Livraria Chardon, do Porto, começou a publicar um grande dicionário, uma enciclopedia, uma especie de *Larousse* de via reduzida, para uzo de Portugal e Brazil, sob o titulo de «Lello Universal».

Dirige-o João Grave e Coelho Neto, dois nomes com lugar marcado e certo em duas literaturas.

Graticamente está bem realiado, mas duvidamos do seu sucesso em terras portuguezas, porque é escrito em brasileiro.

Publica-se em Portugal, mas a ortografia é de lá. Dirige-o Coelho Neto, mas imprime-se cá. E então fica a gente em duvida, sem saber a razão porque, sendo para portuguezes, adopta a ortografia brasileira, e, sendo para brasileiros, não se publica no Brazil.

Em todo o caso ha coisas indicativas de que não é feito por portuguezes. Por exemplo: Numa pagina da letra A surge a palavra Açores, mas noutra aparece uma carta do arquipelago dos Açores, com a Madeira e o Porto Santo a mistura. Porque? Porque a Madeira, e o Porto Santo tambem são ilhas? Mas então tambem o são as Berlengas, as Selvagens, as ilhas de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe, isto para só lalar de ilhas portuguezas, e essas não as encontramos por enquanto no «Lello Universal».

Não andará por ali a costumada confusão entre Açores e Madeira,—porque tudo são ilhas—como se elas morassem ali no Atlantico umas ao pé das outras?

A proposito. No tempo da

guerra, um submarino alemão bombardeou a Madeira. Um jornal de Lisboa, deu a noticia com o seguinte titulo: *Um submarino alemão nos Açores*. Mezes depois outro submarino alemão appareceu nos Açores. O mesmo jornal deu novamente a noticia: *Os boches voltaram outra vez à Madeira*.

E como quer que, passado algum tempo, se julgasse ter sido visto outro submarino na Madeira, o mesmo jornal noticiou o caso com este titulo: *Mais uma vez os alemães nos Açores*.

Parece que já bastava. Mas não. Um submarino alemão atacou S. Vicente de Cabo Verde e veio um telegrama. O referido jornal intitulou-o: *Os boches atacam mais uma vez as ilhas adjacentes*. Agora basta.

**Cruz e Souza** Cruz e Souza, capitão e compositor musical, auctor de todos os tangos, incluindo o orangotango, como já aqui se disse, acaba de dar à luz (um capitão!...) mais trez das suas composições. «Sedução» «Dôr»

e «Adeus Sevilha» se intitulam elas. São obras tão interessantes, tão puchavantes, como tudo que vac das suas mãos. Chega a parecer impossível que Cruz e Souza seja o auctor, da «Dôr» e do «Adeus Sevilha» porque, para dizer adeus seja ao que fôr, ou para sentir uma dôr, é preciso um ar compungido, um ritus de tristeza intima que não se compadece com aquela cara de caninha n'agua que Cruz e Souza não pôde distarçar.

Lá de «Sedução» já não dizemos nada. Tem cara para isso.

**Guerra aos gatos** A Direcção Geral de Saude, a Junta Urbana de Higiene e a Camara Municipal, segundo nota officiosa publicada nos jornaes, vão dar banho aos gatos.

Diz assim a nota officiosa:

«A Direcção Geral de Saude vem recomendar ao publico que devera auxiliar o serviço de limpeza dos gatos da cidade que a Camara Municipal, por proposta da Junta Urbana de Higiene, deliberou por em execução, no intuito elevado de contribuir para o saneamento em

geral e particularmente das escadas, patios, becos e travessas de Lisboa, e ainda, principalmente, para combater a difusão da raiva e outras doencas de que eles possam ser transmissores».

É uma medida contra a qual, naturalmente, só os gatos protestarão, sabido como é que os felinos não gostam de agua, embora não sejam de considerar animaes muito porcos. Pelo contrario os gatos tem certos cuidados de higiene muito apreciaveis. Ha ja em vista a facilidade com que eles se habituam ao caixote de serradura e à proficiencia com que procedem à abertura duma cova para esconder os seus dejectos. Mas banho, é claro, não costumam tomar. Pois a Camara Municipal vac pô-los agora nesse habito bastante higienico e para esse efeito pede o auxilio da população da cidade.

Estamos certos de que ninguém recusará o seu concurso a obra de tanta monta, concorrendo cada um na medida das suas forças para que, daqui a pouco, a galaria da cidade, perfumada a opopanax, desempenhe nas escadas, pateos, becos e travessas de Lisboa, o papel de vasos de olorosas flores.

É natural que appareçam alguns recalcitrantes de unhas afiadas, para fazerem às madamas banheiras o que o outro fazia à Maria Cachucha, mas tudo se cifrará em simples arranhões sem importancia, se houver a cautela de defender cautelosamente o local do sinistro. Esta prevenção fazemos às madamas que certamente acorrerão a prestar os seus serviços à Camara Municipal—naturalmente nalgum balneario especial, expressamente construido para esse fim para que não succeda algum precalço.

Ha por aí cada monumento que não pode ser victima nem duma beliscadela.

**Anuncios** Do *Diario de Noticias*, que é o nosso principal tornecedor:

### PROFESSORA

de piano diplomada, deseja lições. Dafundo, ou proximidades.C. ao Rossio, 42, ao n.º 4001.

Deseja lições? Mas então é professora, é diplomada ou não?

Se é professora, se é diplomada o que foi que lhe ensinaram que ainda precisa de lições? Ou não são de piano as lições que deseja? Se não são de piano, explique-se porque talvez a possamos servir.

## Nogueira de Brito



Critico teatral e musical, jornalista, arqueologo, poeta e autor da cuidada monografia sobre a cidade de Santarem, que acaba de ser posta à venda

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

### Um bom amigo...

JA' aqui escrevemos da velha mania do artista «meter coisas» da sua lavra — e essa lavra é, na mór parte das vezes, bastante improduttiva — nas peças que eles representam.

Já aqui citámos casos que mereceram a censura dos que ainda vão ao teatro com o desejo de vêr teatro.

Hoje, novamente, queremos trazer também para estas colunas o protesto sensatissimo dum «aficionado teatral» contra o abuso da colaboração do artista nos papeis que lhe são distribuidos. A carta, de que falamos, é assinada por Miguel Coelho e começa assim:

«Ha um certo numero de actores que tem uma maneira muito eccentrica de representar. Refro-me aquelles que colaboram com os actores. Francamente acho que esse abuso devia ser reprimido, para bem da arte dramatica e da classe teatral, que, é claro, não é responsavel pelo que fazem alguns dos seus elementos. Em certos teatros, usa-se e abusa-se de nenhoas e parvoices, algumas ditas de tal modo que fazem corar os espectadores mais pudicos...»

Sabemos que esta carta leva envelope, tanto mais que prossegue desta maneira:

«Quando o actor não tem graça ou talento, serve-se deste estratagemma para provocar a gargalhada alvar da «geral», não se lembrando de que vale mais um sorriso do espectador dos «fauteuils». Mas, também, só assim esses actores alcançam a popularidade que os seus meritos merecem. Por isso, proseguem da...»

Lembra ainda o autor do protesto que os teatros são frequentados por senhoras e verbera neste período a sua indignação:

«Mas não esquecer que ao teatro vão também senhores, e que estes, se o não podem nem devem ouvir certos bobagemmas. E' claro que uma senhora sóta não tem cuidados para com os seus filhos, mas os seus filhos, quando são pequenos, não podem acompanhar senhores vestidos e em boas ditas de pidião espanto. Enclamo, por consequentemente e incontinentememte...»

Aponta a seguir os responsáveis. São eles: os directores artisticos e os autores:

«Aqui que os responsáveis deve ser apontada. Isso compete aos directores artisticos, se por acaso os ha, ou aos autores cujos escriptos andam abocinhados pelos seus colaboradores, que muitas vezes estranam as peças em vez de as levar, representando-as como deve ser.

Fecha a carta por um apelo... Apelo inutil — achamos nós. Ora leia-se:

«Aqui fica o apelo aos directores artisticos e aos autores: Não consentam os artistas com colaborações «literarias» das peças. Se não o fizerem, não se queixem, porque a paciencia tem limites e... tanta vez val o cantaro á fonte, até que um dia... A bon entendeur...»

Como sempre, fica no deserto este pedido aos que dirigem as coisas teatraes. Mas, no entanto, avisamos os artistas de que devem ter mais cautela e de que devem respeitar o que os autores escreverem. A sua missão é outra. E' representar... e bem, o que nem sempre succede...

Um dia, ao ensaiar certa revista, toda retalhos dispersos de muitas coisas mais que populares, diz, assim, certa corista: — «Ah! eu conheço estes versos! Isto é do Silva Tavares!»

Aqui acho de toda a conveniencia abater-vos, de pronto, a fantasia, lembrando-vos que, na ausencia, não é d'uso a senhoria...

Feito o parenthesis, vamos, pois, ao resto. — «São... São do Silva Tavares» — acode ao lado, façanhudo e lesto, o autor das tais coisas populares — mas, como estou por ele autorizado, não d'vo a mais ninguem satisfações. Era mentira... Mas fiquei calado, pois pensei p'ra comigo e os meus botões que fazer bulha não valia a pena.

ANDA por terras de Angola uma companhia de artistas portuguezes. Intitula-se «Troupe Mosaicos Internacionais». Chega-nos ás mãos o programa duma das recitas que deram no «Cine-Parque» de Loanda. Anuncia-se, entre outras coisas, o seguinte:

- 2ª parte: Trancas de Aveiro — Silva Sanchez e grilo; Sebastiana Faria; Silva Sanchez, Antonio Faria e Luella Barros.
- 3ª parte: Delírio do Opó — Tânia de Sousa, Luiz Chiu, Chiquinho, etc.

Cremos que bastam estas partes do programma para se avaliar do que teria sido aquillo...

Temos muita pena dos artistas que tem de andar por aquele clima a ganhar o pão de cada dia, mas temos muito mais pena do publico que tem de aguentar aqueles espectaculos.

Um jornal de Loanda diz o seguinte da estreia da troupe:

«Supór a mentalidade dos que aqui mourejam á altura do negro capaz de se bater sol a sol com a terra adusta do sertão, uma bolsa perpetuamente aberta á voracidade daqueles que não tem escrupulos em vender gato por lebre — Isso não. Nessa altura não conhecemos aquelles que nos procuram e assistem o direito unico e muito legitimo de defendermos a bolsa, e quanto mais não seja, por pudor, a intelligencia...»

E' escusado fazer comentarios... O critico deve ter razão...

A proposito de versos, transcrevemos a seguinte sextilha d' ultimo numero do *Revista*:

Versos os teatros a peça  
Não acaba nem começa,  
Ninguém tem os pés quentes  
Mas o autor pateado,  
Dir com ar enfatuado:  
«Estamos em terra de promissão»

AFINAL, os mais pastores — disse um frequentador de teatro — foram pessimos... e tiveram de ir para a provincia, ou seja para o seu lugar... para o campo...

O autoritario começa a envelhecer porque levou uma vida cruzada...

OS artistas começam a reunir-se. Os sabados do café do T. do G. estão a ser falados nas caixas e fóra das caixas. O nosso C. P. serve ceias em conta, mas apresenta grandes contas pelas ceias... quando elas são servidas a familias... ou a grupos de criticos e jornalistas...



Assim, foran de os dias succedendo e, certa noite, a peça foi a scena. Eu não fui lá não sei porquê... Entendo que não fui na ideia d'ir as com, tão seguro ja estava da carreira... Mas, á vida, procurei-me alguém e disse-me: «Lá estive na primeira da peça de Fúlvio...»

Tem versos teus,  
tem versos de Cierano, de Beltrano e não tem versos meus,  
ao que supponho... porque nunca os fiz!  
Calei-me, novamente. Emfim, um dia dispuz-me, finalmente, a ser juiz, e ouvi-a toda, do principio ao fim, justo é dizê-lo, — ás vezes com agrado. Já no final, — catrapuz! — o autor... não se desmancha... Avança, todo inchado, e diz-me, emfim, com gesto protector: — «Então que tal?... Gostou da revlstecca? Como, por certo, ouviu, intercalados, tem versos seus... Não me esqueci! Co'a breca! Versos assim merecem transcrições; ser popularizados, e os bons amigos são p'ra as occasões!»

Confesso: — Eu tinha quasi que a certeza d'alguma coisa estranha acontecer. Não calculei, porém, os gestos e fiquei tão tolhido de surpresa que nem me recordei d'agradecer!...

# Graça dos outros

Um camponio, tendo justo o casamento com uma moça do lugar, foi á confissão, como é de uso entre gente da aldeia. O padre ouviu-lhe os varios pecados cometidos até ai, fez-lhe quaisquer recomendações e por fim absolveu-o, mandando-o em paz.

— Mas então não me dá penitencia? — perguntou o noivo.

O padre, sorrindo:  
— Como vai casar, não é preciso...

\*\*\*

Amigas solteiras e intimas:  
Amelia: — Ele disse-me que eu era muito interessante e muito bonita.

Isabel: — E tu pensas em ligarte para toda a vida com um homem que principia a enganar-te logo no momento de te fazer a corte...

\*\*\*

— A sua profissão? — pergunta o juiz a uma testemunha.

— Ama de leite, para servir vossa Excelencia...

— Obrigada. Agora já é tarde.

\*\*\*

Ela, para o marido: — Tens alguma objecção a fazer por me veres neste fato de banho?

O marido: — Não! A objecção que faço é por ver tanta porção de ti fora de pele.

\*\*\*

O Barbosa: — Não sei como isto se explica; mas o que é facto é que os homens que menos valem são os que têm mulheres de mais valor!...

Madame Barbosa, maliciosamente: — Lisongeiro!...

\*\*\*

Ela, falando: — E a sua opinião não é de que se deve casar com quem tenha qualidades opostas?

Ele, gaiteador: — Algumas vezes, mas nunca no seu caso.

Ela: — Porque o entende assim?

Ele: — Imagine, que homem feio, estúpido, rude, desagradavel havia de ser o seu marido?...

\*\*\*

— Parece-me que te não disse ainda que caso para a semana?

— O quê! Assim, de repente! Temos, então, um caso de amor á primeira vista?

— Não; nada disso. Quando vi a minha noiva a primeira vez, não soube logo que tinha dinheiro.

\*\*\*

Um sujeito que deseja casar-se busca informações da que vai ser sua futura noiva:

— E a conduta d'ela, que tal tem sido?

— Oh! irrepreensivel. Tem apenas um filho, mas é tão pequenino que nem vale a pena falar nisso.

\*\*\*

Papa o sal tira-se da agua salgada?

Sim, meu fillo.

E o assucar?

Da agua doce.

\*\*\*

Ela: Juiga que poderia ainda aprender a amar-me Margarida?

Ela: — Não sei, Jerry; talvez pudesse. Já uma vez aprendi estenografia.

# Confusão



— Este meu cão é um (fox).  
— Um «fox-trot»?!

# A ESPERTESA DUM TARATA

O Joaquim Antonio não nasceria decididamente para aprender. Mandaram-no á escola, mas o Joaquim, tão burro como o pai, não conseguira aprender coisa nenhuma.

Cresceu em altura e foi-o fazendo tambem em estupidez.

Era, podem crer, o homem mais estúpido, mais alarve da sua freguesia. E tanto assim que tinha fama dez léguas em redor.

Um dia foi chamado á tropa. Quando começaram a dar-lhe instrução, todos perceberam que o Joaquim Antonio era um animal completo e que, só por graça de Deus, andava com dois pés no chão.

O cabo, o sargento, o alferes, todos enfim, faziam esforços sobre esforço para que Joaquim aprendesse. Mas o rapaz, que tinha a cabeça rija como uma taboa de encaixar, nunca foi capaz de perceber coisa nenhuma do que lhe ensinavam.

Explicaram-lhe bastas vezes que um alferes tinha um galão no braço; o tenente, dois; o capitão, três, etc., etc.

Mas a nada a besta se movia, fazendo uma confusão brutal á volta dos galões.

Deram-no, todavia, como «pronto» e ei-lo um dia de guarda ao quartel general.

Estava ele fazendo o seu quarto de sentinela quando o sargento, descendo do seu quarto, lhe veio perguntar:

— Olha lá, o sentinela. O general já chegou?

O tarata ficou atrapalhado, sem saber o que responder, mas, porque não tinha entrado ninguem, respondeu:

— Não, senhor. Ainda não veio.

O sargento retrifolou-se e o Joaquim pôs-se a dizer com os seus botões: — «Este gajo é maluco. Eu sei lá quem é o general?! Ora esta! Ora a minha vida!... Mas quem será o general?!...»

Um quarto de hora depois voltou de novo o sargento:

— Olha lá! Já veio o general?

O Joaquim, porque ainda não tinha entrado ninguem, retorquiu:

— Não, senhor, meu sargento.

E voltou a pensar: — «Mas quem será o general?! Ora esta! Ora a minha vida!»

Decorreu mais um quarto de hora e nova pergunta do sargento sobre se já tinha vindo o general, á qual o tarata tornou a responder:

— Não, senhor. Ainda não veio.

Andava o Joaquim divagando sobre o que seria um general, quando á porta das armas appareceu um sujeito respeitavel.

Como bom soldado, o Joaquim aproximou-se e, impedindo-lhe a entrada, disse:

Para onde é que v. vai?

— Não me conhece?

— Eu não, senhor. Aqui não entram passanos.

— Mas tu não me conheces?

— Não, senhor. Já lhe disse que não o conheço...

— Pois eu sou o general... — respondeu o tal sujeito, bastante agastado.

O Joaquim sorriu, poisou-lhe a mão sobre o ombro e disse-lhe com o ar mais natural deste mundo:

— Ah! Tu é que és o general?!

Pois estás «tramado» porque o nosso sargento já cá veio três vezes abaixo a tua procura!



— Tu parece que te esqueces que a mulher nasceu para aturar, e o homem para ser aturado...

# Coisas e loisas

Dona Rita de Olivete, que é senhora assaz ricaça, habita o seu palacete nos altos sitios da Graça.

Mas, apesar do tesouro que já vem do seu avô, Dona Rita, do namoro, toda a quadra ultrapassou.

Tendo amado dez fulanos, com desejos de casar, gastou talvez uns vinte anos sem nunca, nunca noivar.

Tem, de noiva, alguns vestidos, pois dos supostos maridos; sem jamais usar nenhum; que eram dez, não prendeu um.

Dona Rita, descontente, raladinha, contristada, apparece a toda a gente como triste alma penada.

Eu julgo ser grande a pena de tal senhora, acredito; mas quer grande ou quer pequena, em todo o caso, eu medito...

Se nasceu p'ra não casar, que torna a magua menor, não vale a pena o penar tendo na mão o melhor.

E a continuar o lamento por capricho ou talvez bôlha, se alcançar o casamento tenha cuidado na escolha.

Se arranja um marido incerto, faz a vontade... E' casada... Vão-se-lhe as penas, é certo, mas... é Rita depenada...

Ha pela Espanha quem creia na liga peninsular! E nos, deixando-os falar, pensamos que não é feia uma liga... em seu lugar.

Onde existe o dissabor? Uma união, espanhola, com qualquer Chica, ou com Lola... as ligas de qualquer cor é coisa que nos consola...

E razões nenhuma vamos p'ra descrer, p'ra não ter fé. Uma Chica!... Olé! Olé! Quando bastar, nós diremos: — O' Chica, não metas pé.

Não é Chica? Sendo Lola que já esteja a enjoar e se queira eternisar... Diz-se então para a espanhola: — O' Lola, põe-te a cavar...



— De onde fala?  
— Aqul... Fala do quarto da senhora!



— Tu já reparaste como a mamã traz o vestido?... Parece que vamos ter outro mano.

## Um conto inglês

Toda a gente conhece o desprezo altivo que os ingleses votam aos seus irmãos americanos. A expressão de *yankee*, depreciativa e ridicularizadora, com que os americanos tanto se indignam — é de inventiva britânica. Os ingleses aproveitam o novo-riquismo, o *arrivismo* dos americanos para os baptizarem de troças e os tratarem como a plebeus grosseiros, de mal-educados, pretenciosos, ridículos, insuportáveis. A subtil reserva existente entre espanhóis e portugueses, o odio dos franceses e alemães e entre italianos e austriacos — em nada se assemelha aos sentimentos dos hirtos e orgulhosos subditos de Jorge V e os livres cidadãos da America. Mas o desprezo dos ingleses não é apenas a exteriorização de uma superioridade de autocrata ante um povo muito ordinario. Envolve e oculta um despeito. É que os ingleses não perdoam aos americanos a sua emancipação, a sua independência — a sua concorrência...

E assim como Portugal está cheio de «espanholadas» ou seja de aneddotas em que se fere os espanhóis, e a França de chalaças em que se ridicularizam os alemães — os ingleses empregam toda a sua inventiva humorística para castigar os *yankees*. Entre muitas, a que simboliza todas é a seguinte:

Um dia, encontravam-se num club de excêntricos em Londres, um desses clubs onde Julio Verne ia buscar os seus heróis para as viagens e aventuras dos seus livros, — encontravam-se um inglês e um americano. E depois de se desfrutarem durante longas horas, um terceiro propôs a seguinte aposta. O inglês e o americano inventariam, cada um deles, uma historia disparatada e inverosímil; e aquele que engendrasse o maior disparate, a mais desconcertante inverosimilhança, a inventiva mais escandalosa, ganhava a aposta e receberia do outro mil libras. Aceite o pacto, o inglês, exibindo a sua coiteza fidalga, exigiu que o *match* dos dispartes começasse pelo americano. Este não se fez rogado e principiou:

— Existe em New-York um *gentleman*, um autentico cavalheiro que...

Não pode continuar porque o inglês interrompeu-o, dizendo:

— Pronto! Não é preciso mais nada! Confesso-me vencido! Perdi a aposta!

— Ora essa! — exclamou o outro. — Porquê?

— Porquê? Ainda me pergunta? Como quere o senhor que eu invente um disparate maior, uma mentira mais inverosímil do que esse que acaba de pronunciar, dizendo que existe na America um *gentleman*, um autentico cavalheiro?

# DIREITO POR LINHAS TORTAS Elevador da Gloria

A Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, situada num velho casarão do Campo de Sant'Ana, a par do palacio patriarcal, — é o palco que nós procuramos para fazer desenrolar a cronica de hoje. Os leitores conhecem-na, decerto. Paredes cobertas a jornais, tectos carunchosos, carteiras e secretárias cobertas de pó... Por lá passaram muitos que hoje são advogados, delegados, diplomatas... E por lá estão passando muitos que amanhã serão — os «homens de amanhã»...

Pois é na Faculdade de Direito de Lisboa que esta cronica se desenrola. Uma *blague*, uma aneddota, um duplo sentido... Personagens: alunos e professores. Ambiente: o ambiente proprio, o mais sério e o mais comico possível... Graça natural — sem pretensões de ferir quem quer que seja.

Cadeira de «Direito Internacional». Em seguida a um fraquissimo exame, o mestre, no louvavel intuito de «salvar» o «cunhadissimo» aluno, apresenta-lhe um problema sem possível solução, mas batido e rebatido durante todo o ano... O aluno consulta leis, revolve-se na carteira, fica parvamente embaraçado... E, de repente, levantando-se, numa heroica resolução:

— Sr. doutor! Eu desisto! ... E o mestre, imediatamente:

— Pois claro! Perante este caso transcendente, todas as grandes inteligencias teem desistido... Estou satisfeito! Pode retirar-se... E passou com 10, a inesperada tangente...

### II

Cadeira de «Economia Politica». O professor, chamando á lição:

— Aquele senhor!

Silencio. O professor, apontando:

— Aquele senhor!

Todos voltam a cabeça. Mas o silencio continua sempre...

— Aquele senhor loiro!

E o «senhor loiro», aberrecidissimo:

— E' loiro, é, — mas não dá o pé...

### III

Aula de «Direito Civil». O professor, endireitando as lunetas:

— O que é personalidade?

O aluno alonga a vista para a esquerda. Um silencio. E logo:

— Senhor doutor! Eu vejo, no mar encapelado da jurisprudencia, navegar as caravelas do Direito!... Eu vejo!...

DR. ARVASDECAR.



Em Lisboa — tramou-se o saloio. No Porto — destramou-se o dito.

— Como o casamento faz mudar as idelas!

— Então já?!

— E' verdade. Em solteiro gostava eu de todas as mulheres, sem excepção.

— E agora?

— Agora de todas, menos da minha...

\*\*\*

O juiz: — Então o réu persiste em dizer que na noite de 15 não roubou nenhum pato ao sr. Silva?

— Sim, senhor.

— Bem; mas não é só dizer que não roubou para que eu o ponha em liberdade; é preciso provar uma razão mais forte.

— Então, oia sr. juiz: Na noite de 15 estava eu roubando galinhas em casa do sr. Nunes, que dista do queixo duas leguas; como podia eu então estar a roubar patos ao mesmo tempo noutro sitio?

— Sim, tem razão, a prova é bastante positiva e por isso, meus senhores, o réu está absolvido.

\*\*\*

— Na catedral de Strasburgo, — dizia um mentiroso — ha um eco admiravel. Coloca-se a gente a meio da nave e diz: «Sois cristão?»

«Sim, pela graça de Deus», responde o eco.

— Pois eu conheço um melhor, porque é duplo, — responde um dos ouvintes. — E' numa sala da Sorbonne, em Paris. O visitante, colocado a meio da sala, diz, em voz alta: «Três vezes nove?» «Vinte e sete», responde o eco, «noves fóra nada», diz o segundo eco, distintamente.

\*\*\*

Num club do Estoril:

Alice e Sofia queream disfrutar o poeta Rebelo. Uma delas pergunta-lhe:

— Diga-nos, sr. Rebelo, o que entende por um idealista?

O Rebelo: — Idealista, minhas senhoras, é um homem que pensa que todas as mulheres são anjos sem azas.

\*\*\*

— Quantos filhos tem o senhor? — perguntou a conhecido seu o nosso amigo Barnabé.

O tal conhecido, que tambem já o conhecia a ele, respondeu-lhe assim:

— Filhos, tenho três; mas cada um deles tem quatro irmãs.

— Louvado seja Deus! — respondeu o Barnabé. — São, nesse caso, ao todo, quinze!

\*\*\*

O marido, examinando as contas da costureira e da modista: — O' Carolina! Estas contas são exorbitantes! Tu tens pretensões a que te considerem milionaria?

Carolina: — Não, meu caro. Procuro, simplesmente, vestir-me um pouco melhor do que as nossas criadas.

## Vaidade



Nova rica: — Não sopres a sopa, José! Chama o creado...

## Cronica dos tribunais

Num tribunal do estrangeiro travou-se ha tempos um dialogo interessante entre um juiz e um advogado.

A' ordem do referido juiz, encontrava-se preso ha bastantes meses, sem culpa formada, um pobre homem. A familia fez pedidos, arranjou cartas de recommendação para o juiz e nada demovia o magistrado do seu proposito de deixar apodrecer na prisão o encarcerado. A familia, depois de perdidas todas as esperanças, procurou um advogado, a quem entregou a defesa do preso.

Um dia, o advogado procurou o juiz no seu gabinete e pediu-lhe a libertação do seu constituinte.

— Não pode ser! Está preso e muito bem preso! — respondeu o juiz rispidamente.

— Mas isso é uma violação! Qual é a disposição da lei em que v. ex. se baseia para cometer um atentado contra a liberdade dum cidadão!

— A lei sou eu! Eu é que mando! Não tenho que dar satisfações dos meus actos a pessoa alguma! Compreendeu, sr. advogado...

— Esplendido, sr. juiz! Só tenho que me felicitar por essa resposta. Uma vez que v. ex. é a lei, permita-me que lhe peça a redacção do seguinte artigo:

«O seu constituinte vai ser restituído á liberdade».

— Não posso...  
— Mas v. ex. não é a lei?...  
— Tem razão! Já está feito o artigo.

— Dentro de meia hora está na rua o meu constituinte, sr. juiz?

— Mas, eu não redigi o meu artigo com a palavra «imediatamente».

— Permita-me v. ex. que lhe peça a fineza de redigir o seguinte paragrafo, que é filho do referido artigo: «O preso é posto imediatamente em liberdade».

O juiz achou graça ao espirituoso advogado e mandou pôr o preso imediatamente em liberdade.

No Tribunal do Comercio. O juiz, identificando uma testemunha:

— O seu estado?  
— Vivo em Lisboa!  
— Não é isso... Pergunto se a testemunha é casado ou solteiro?  
— Vivo ha quinze dias com uma mulher de quem gosto!  
— A testemunha encerra a profissão de advogado?  
— Nada disso! Gosto o animal quando ele está a trabalhar.

No Tribunal do Trabalho. Um individuo acusado de embriaguez. O patrono do teu e faz-se para demonstrar que ele é partidario da lei seca.

Interpondo uma testemunha de defesa:

— A testemunha juntou com o meu constituinte no dia em que ele foi preso, não é verdade?

— Exactamente!

— Só beberam um decilitro cada um ao jantar, não é assim?...

— Tal qual! Eu até o deixei á porta do Coliseu entre as dez e as onze...

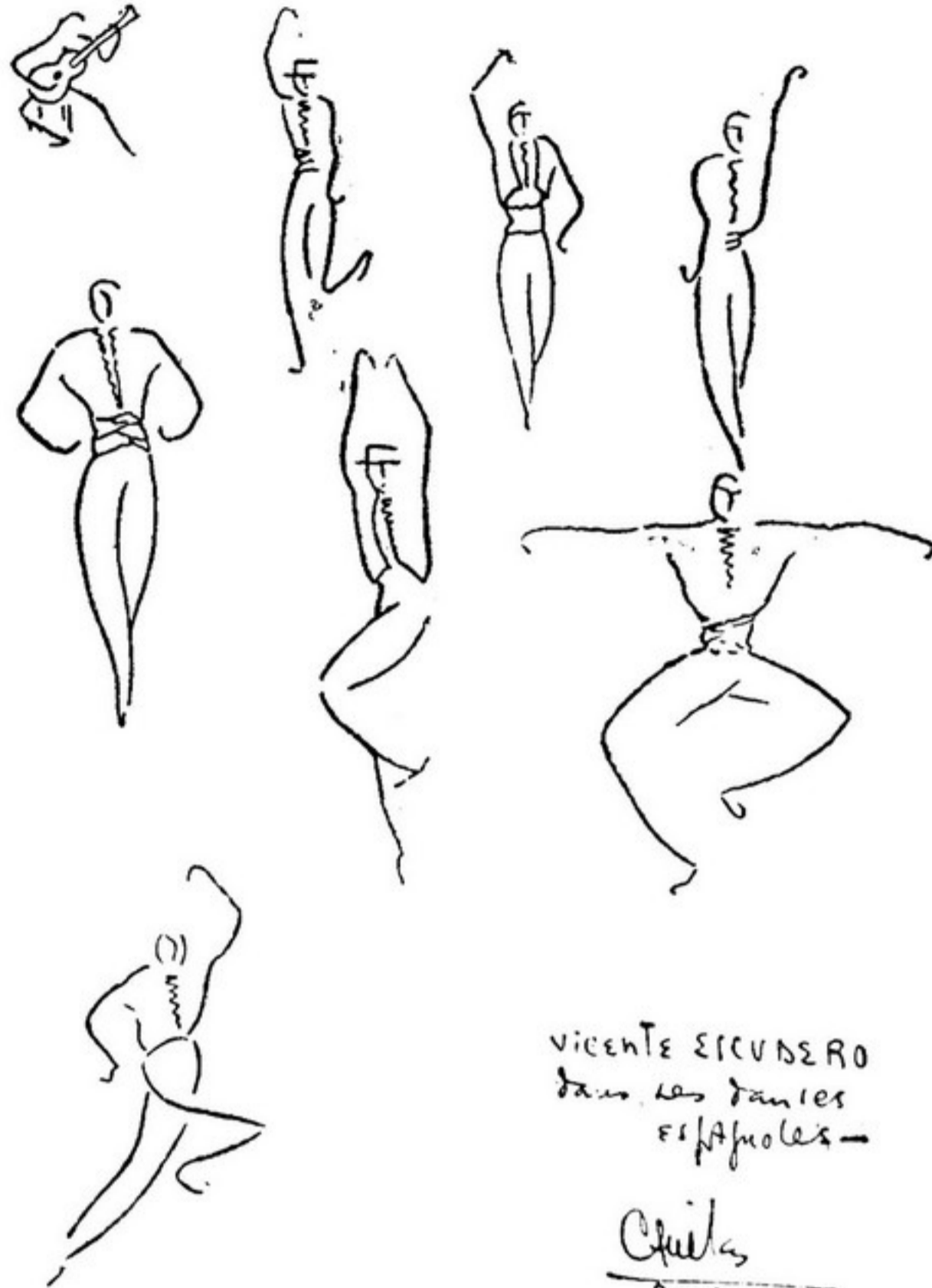
## Quereis dinheiro ?

Jogal no

**Lama**

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



## DANÇAS ESPANHOLAS

Vistas por Canelas



Terra! Terra! ... Este foi o grito que saiu d'uns peitos oprimidos mas não vencidos pela luta. A tripulação da caravela que dirigiu Colon, ficou subjugada pela alegria que lhe produz o anuncio de um final de tão larga e rude travessia. A mesma sensação, esse magico prazer de pronto bem estar, é o que oferece a Cafiaspirina, pois representa o fim do sofrimento quando V. Exa. se encontra debaixo dos efeitos das dores de cabeça, de dentes ou de ouvidos. A sua eficacia é inigualavel contra nevralgias, enxaquecas e os incomodos periodicos das Senhoras. Reanima e levanta as forças nos estados de abatimento devidos ao excesso do alcool e do tabaco, sem atacar o coração nem os rins.

## CAFIASPIRINA



A venda em todas as farmacias.

## Riso amarelo

— Se este medico não te cura, levar-te-hei a um que seja homeopatico.

— Eu preferia um que fosse simpatico.

\*\*\*

Tenho tanto calor na cabeça que parece ir-me arder.

— Não tenhas medo: o vácuo não arde.

\*\*\*

— Então, doutor, que tal acha minha mulher.

— Francamente, não me agrada nada.

— Nem a mim, e já a vejo ha 40 anos.

\*\*\*

— Lembre-se de que o alcool é o seu maior inimigo.

— Bem sei, doutor, mas nós devemos perdoar aos nossos inimigos.

\*\*\*

— Sabes, a Julia está á espera dum filho...

— Sei... O que me parece... é que ela está, neste momento, á espera dum pai...

\*\*\*

— Então, seu irmão casou com a cunhada?

— Foi para evitar conhecer sogra nova.

\*\*\*

— Estes charutos são pessimos!

— Pois custaram cinco escudos!

— Hein?

— Quatro escudos o meu e um o teu.

\*\*\*

— Para que exige, no seu testamento, que lhe façam autopsia?

— Porque quero saber de que morro.

\*\*\*

— Venda-me um objecto proprio para oferecer a minha sogra.

— Aqui só vendemos aparelhos de electricidade.

— Então venda-me uma cadeira electrica.



Sortes grandes!

só o PINA se vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



## Fitas faladas

Na semana passada tivemos uma grande decepção.

Curiosos como todos os humoristas que se prezam, todos os dias vasculhamos a terceira pagina dos diários grandes para ver o que se leva por essas telas alfacinhas. E se muitas vezes, espremidos, os anúncios tradicionais não deixam nada de geito e de visível, outras os senhores anunciantes proporcio-nam-nos tão agradáveis espectativas que sempre damos por compensadas de antemão as decepções das *veritas* complementares.

Foi o que nos sucedeu ha oito dias, ao deparar no anúncio do Olimpia este titulo sensacional:

### O MACACO FALANTE!

Falante!?!... Não! Não havia duvida: era uma *talkie*, umas dessas famosas fitas sonoras que se pagam em bom metal sonante! Mestre O'Donnell, que gosta de fazer tudo pela calada, envolvera num silencio paradoxal a apresentação daquele ruído acontecimento! E como somos desde o berço propensos á filosofia, cogitámos longamente sobre o que são as coisas neste mundo. Tanta talacia, tantas promessas dos concorrentes de luxo — e afinal as *talkies* desapontavam no horizonte alfacinha ali pelo meio da Rua dos Condes.

Mas — ó surpresa! — O Macaco Falante era mudo como um peixe! E além de não falar, nem ao menos era mais macaco que muitos macacões de rabo pelado que andam a pererar pelos cafés!

Ficámos doentes. Ainda não era daquela que tínhamos ocasião de justificar brilhantemente o titulo desta secção, previsão digna de Julio Verne e do sr. Manoel Rabes-tana.

Paciencia — que é boa para vista... Porque sem vista nem paciencia nada se faz nesta lufa-lufa (sem réclamo) danada do cinema.

\*\*\*

Perdendo magnanimamente mais esta pirraça que nos pregaram Os Piratas Modernos, mas ainda desgostosos, fomos alistar-nos na Legião dos Condenados, cujo recrutamento se fez no Tivoli. Os Pilotos da Morte pregaram-nos uma pilota que lamos morrendo (Justificação do titulo). E como não lamos de capa e batina, os estudantes da Estudantina chamaram-nos futricas, dando-nos os caídos tradicionais que apanham os caloiros.

A Tarakanora, não tarda nada, está Tarakavelha, porque deve correr em muita sala escura. Como A carne é fraca, o Politeama arranjou um Filho do Outro. E o Central, que estava zangado conosco por não termos accedido ao seu convite — *Beija-me!*... — es-deu-nos os braços, exclamando: *Volta!*... Tudo está perdoado!

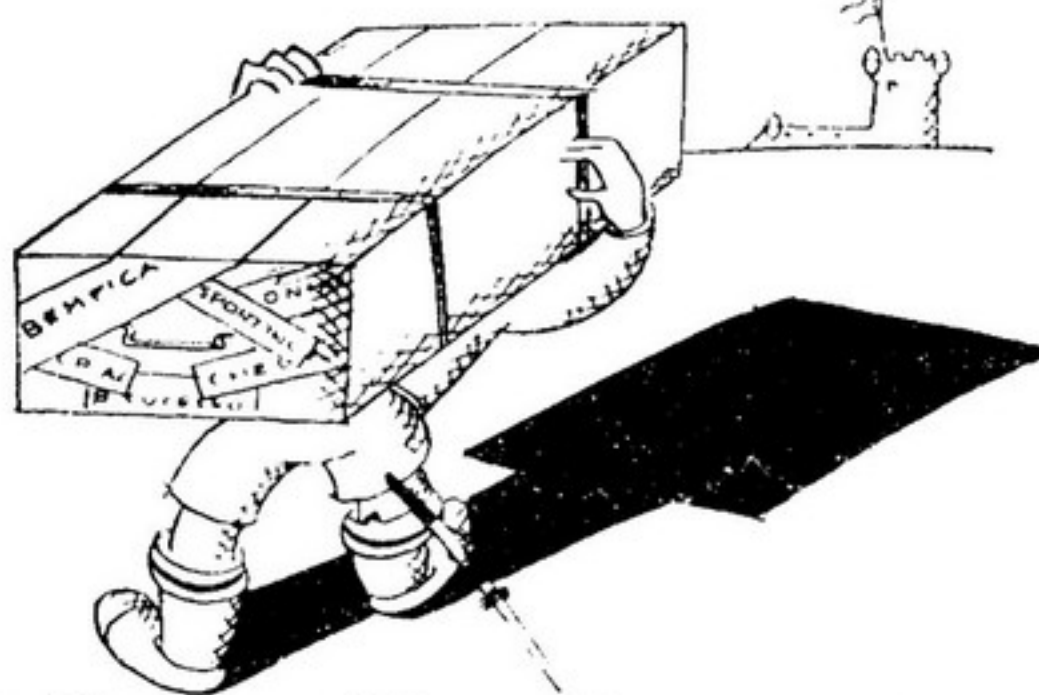
RETARDADOR.

**Sortes grandes?**

só o FINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

## ARES PROPICIOS



Os clubs estão resolvidos a mudarem-se para Belem a ver se ganham todos para o ano.

## O que pensam os 8 "teams" da Divisão de Honra

### Belencenses:

Diziam todos contentes  
Que o Bemfica me bateu.  
Agora pasmem, ó gentes!  
Porque o campeão sou eu.

### Sporting:

Dizem ás filhas os pais,  
Quando me vêem passar:  
— Olha o rei dos animais!  
— Tadinho, está cheio de azar.

### Bemfica:

Foi-se-me embora a "genica",  
Fui-me abaixo das cancelas.  
Pois creiam que bem não fica  
A gente p... co Chelas.

### Casa Pia:

Fiquei em quarto luar  
E em primeiro ficaria,  
Se mais cedo desse leite  
A vaca do Casa Pia.

### União:

A União faz a força,  
Dizem com muita certeza.  
Mas agora o União  
Está cheio de fraqueza.

### Caravelinhos:

Na freguesia de Alcantara  
Toçam sinos a rebate  
Por terem levado baixa  
As accões do chocolate.

### Chelas:

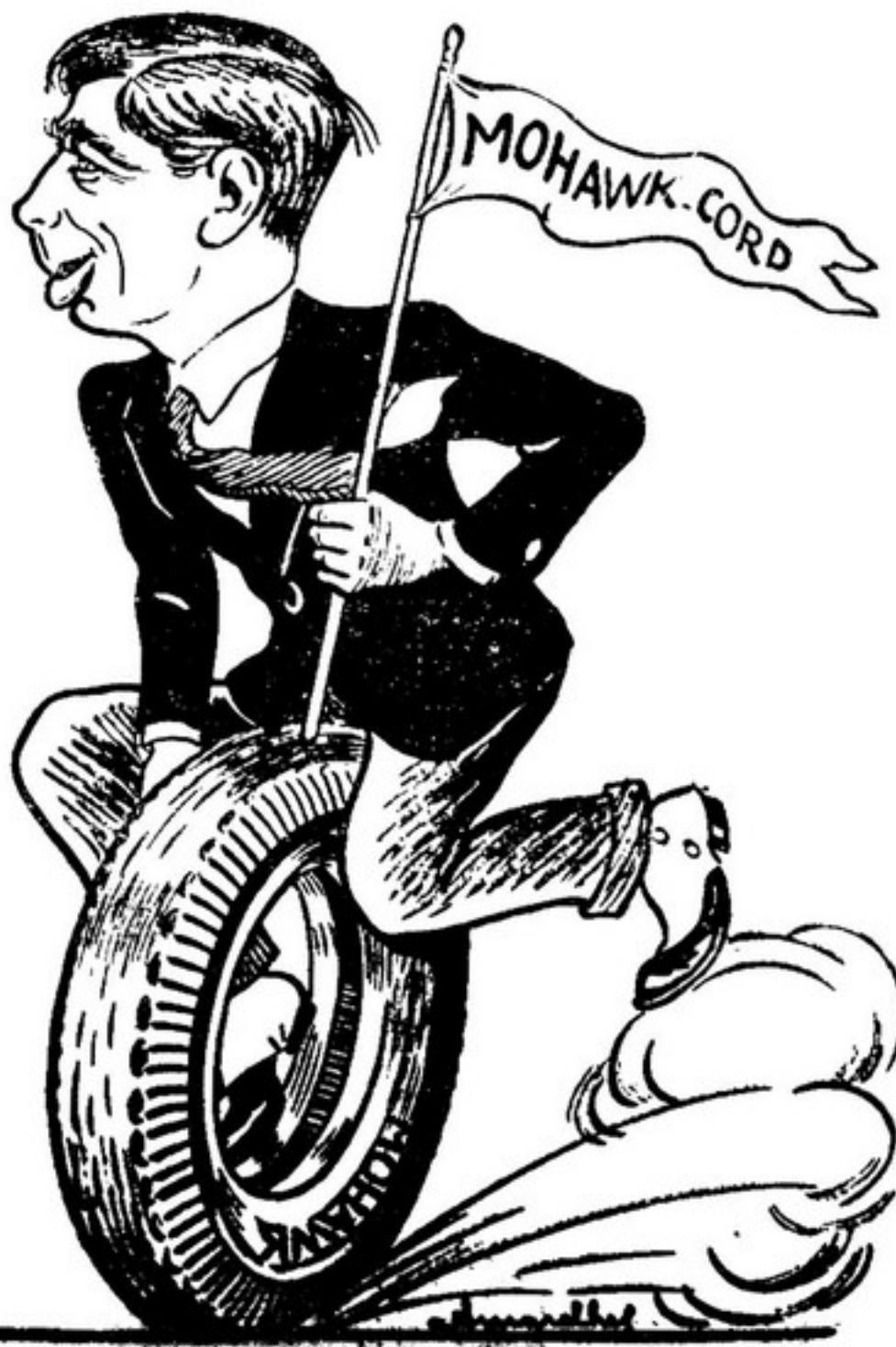
No Alto dos Toumheiros  
Vai a gente, num estantinho,  
Alevantar uma estatua  
A esse doutor Godinho.

### Bom Sucesso:

Mau Sucesso — é, pois, o nome  
Que a este club darão.  
Quando ele passar de vez  
Pra a segunda divisão.

ZÉ MARIA.

## JAIME ANAHORY



Um negociante de pneus que, por influencia do negocio, já tem um belo pneu-balon

## Uma papariga moderna

O autor destas linhas, para ter o prazer de contar o numero de respostas recebidas, anunciou um dia no *Diário de Noticias* precisar de uma secretaria que conhecesse bem português e francês — e soubesse escrever á maquina. Como se vê, tudo quanto ha de mais honesto e cristalino...

Pode computar-se em 30 — já lá vão uns poucos d'anos, e por isso não posso citar o numero exacto — o numero de respostas recebidas; mas, dessas trinta pessoas que responderam, tirando uma, duma senhora estrangeira que procurava uma "alma irmã" (é um genero que tem um certo consumo...), a duma Pintalagaya das Avenidas Novas, que pretendia divertir-se e dava nome e direcção errados, e a duma terceira senhora que foi a unica a responder a sério e que, por isso mesmo, a sério foi tratada — tirante estar, todas as cartas recebidas emancipadas no português mais perfeito, desde a ortografia até a sintaxe, passando mesmo pela caligrafia...

\*\*\*

Uma delas — um exemplo bastará — dizia pouco mais ou menos assim:

*«Res pondo ao seu namouro sou livre 18 anos. Se o senhore quizer canhe sserme eu istou de fronte do Jerolimo Martins encustado ao candieiro as cinco horas da tarde. Lavo um chapau beije desta que se assa na Maria.»*

Não pude, realmente, deixar de aceder a um tão amavel *reclamo* e, ás cinco da tarde, lá fui procurar, por entre a multidão *smart* e *snob* que sebe e desce o Chiado, esta *snob* e *smart* Maria de chapau beije, que certamente so para se dar ares de frequentadora de chás elegantes escrevia com tantos erros. E, a hora combinada, a rapariga lá estava, proximo do candieiro, como quem esperava alcaem. E como esse alquem era eu — apor...

O terceiro episodio da peça é o mais curto — a contar... — mas, ao mesmo tempo, o mais edificativo. Fomos tomar chá a um gabinete reservado, para á vontade acordarmos as condições em que ela — a Maria do chapau beije — poderia secretariar-me. Conversámos... e tudo correu bem.

O pior foi á saída, quando, passando por uma montra do Chiado, ela quiz, por força, que eu lhe comprasse um casaco de peles. Confessei-lhe, humildemente, que não tinha mais dinheiro, porque o *stock* se havia esgotado no restaurante. E então Maria, tomando uma attitude nobre de Madona ofendida declarou-me, do alto da sua dignidade:

— Quem não tem a "nota" não traz uma pessoa ao engano!

E, cuspiendo para o chão, voltou-me as costas. Imaginem! Fiqui tão vexado que nunca mais procurei uma secretaria — e com secretaria permanente.

M. YSELE.

## As leis de foot-ball em verso

Reconhecendo a má compreensão que a maioria do publico tem das leis de foot-ball em prosa, «Zé Maria», o poeta da bola, resolveu o problema, transformando em verso compreensível o que em prosa nunca ninguém percebeu.

Eis o livro que em principios de Abril verá a luz da publicidade.

# ECOS DA SEMANA

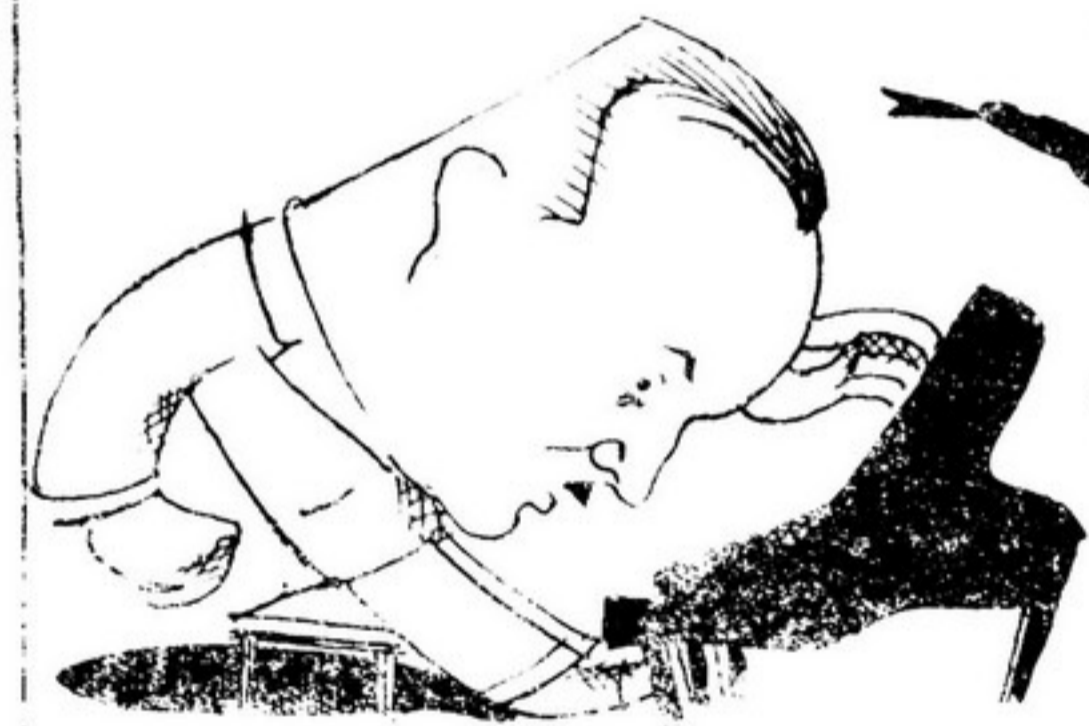
ZOF - EMAGINEI IR ENCONTRAR TUDO AS AVESSAS, A PLATEIA NO TECTO E OS CAMAROTES NO R/C. AFINAL ESTA TUDO COMO NOS BELOS TEMPOS DO FOZ



O DR. SCHAFER DA POLICIA CRIMINAL DE FRANKFORT QUE ACHOU LISBOA UMA CIDADE DE DE PRIMEIRA ORDEM. EM ORDEM..



ALEX BOROWSKY QUE NOTI VOLI NOS "EMPULGOU" COM PULGAS DE ENTUSIASMO NA "PETROUCHKA" DE STRAVINSKY.



ATE QUE EM FIM QUE O PAULO E VIRGINIA SE HAVIAM DE ESCAMAR POR 1530, VAO SER "DEGREDDADOS"

SAIU MIJONA A D. PRIMAVERA



MATARAM-ME O "CAROCHO" E AGORA OS RATOS VAO-ME AO QUEIJO.

## OS GATOS

VAO MORRER TODOS PARA LONGE.

O SEU DESAPARECIMENTO VAI CONTRIBUIR PARA O NOSSO EQUILIBRIO ECONOMICO - 1º. PELO DESENVOLVIMENTO DA INDUSTRIA DO QUEIJO

2º. PELO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO PELA CAÇA AS RATAS. (SUPERIOR ADOLF) E ETC., ETC.



CUMIDAS E BUVIDAS



ROMANZA SEN PAROLAS